

Funk dita o ritmo dos campeões

Brasil vence competição pela primeira vez e com direito a dobradinha, no masculino e no feminino

Eduardo Zobaran

Eduardo Zobaran

Na Copa do Mundo dos Sem-Teto, realizada na Praia de Copacabana, o futebol despertou mais um morador de rua. Literalmente. Pouco depois das 9h da manhã do domingo, enquanto as seleções das Filipinas e da Noruega batiam bola, um sem-teto acordava na parte de baixo da estrutura metálica que sustenta a quadra de aquecimento. Três horas mais tarde, as seleções brasileiras masculina e feminina comemoraram a dupla conquista inédita do título mundial com passinhos de funk e uma adaptação do conhecido grito das torcidas no Maracanã: "O Brasil é nosso! Ra-rá! Ru-rú!"

Na pequena arquibancada montada nas areias que há pouco foram palco da comemoração da escolha da cidade para receber as Olimpíadas, dois moradores de rua aproveitavam o movimento para assistir às partidas de futebol. Ao som de hip-hop nacional nas caixas de som, mas com narração dos jogos em inglês, os dois interessados torcedores fumavam um cigarro já na guimba e sorriam, comentando que não entendiam nada o que era dito pelo locutor. Apesar de "sem-teto" estar no nome da competição e na arquibancada, nem todos vivem ao relento.

— Não moro na rua, mas também não moro num lugar bom. Moro numa favela e lá tem muito tráfico. Muitos amigos que jogam muito bem ficaram na noite e acabaram fazendo coisa errada — contou Flávio de Andrade, de 19 anos, autor de três gols na vitória de 6 a 0 sobre o Chile na final.

Morador do bairro paulista de Jaruaguá, Flávio cursa o último ano do ensino médio e nos últimos três meses se dedicou exclusivamente aos treinos da seleção, no CT do Corin-



HOMENS E MULHERES das seleções brasileiras comemoram juntos, na quadra montada na praia, os títulos conquistados

thians. Antes de voltar às aulas, esta semana, renovou suas esperanças de um dia jogar futebol profissional.

— É muito difícil, é preciso conhecer alguém que te ajude. Mas vai chegar a minha hora. Quem sabe não tinha um olheiro por aqui — disse Fábio, que nas arquibancadas era chamado por um apelido muito apropriado, Pitbull. — É porque sou muito raçudo para jogar. Quando era pequeno, jogava com os meninos mais velhos e sempre me destacava pela raça.

A Copa do Mundo dos Sem-Teto é disputada numa quadra com três na

linha e um no gol, mas, nos campos, Pitbull é volante como outra artilheira. Autora de três dos seis gols na vitória da seleção brasileira feminina sobre o México, Júlia saiu de campo elétrica e, entre abraços de conhecidos e desconhecidos, recebeu até pedido de autógrafa de estrangeiros que assistiam à competição.

— Não tenho nem palavras — afirmou, escondendo as lágrimas. — Nesse torneio, pudemos nos integrar com pessoas de outras culturas. Foi ótimo. Moradora da Cidade de Deus, Júlia vê de tudo na favela, mas lembrou

que, graças ao futebol, cursa faculdade. Ela estuda Educação Física na Castelo Branco, onde joga no time de futsal — na grama, atua pelo Team Chicago Brasil. Chorona, seus olhos voltaram a ficar cheios de lágrimas quando falou sobre seu futuro.

— Quero seguir meu sonho, que é ser jogadora de futebol — revelou a artilheira, que saiu da final com um arranhão no rosto.

Na arquibancada, torcendo pelo Brasil, estavam cerca de 800 torcedores. A maioria era de jogadores de outras seleções, como o sul-africano Vusi

Shushu, de 26 anos. Quando morou na ruas de Cidade do Cabo, Vusi se dividia entre o crack e a anfetamina. Outros quatro anos passou na cadeia, preso por uma série de roubos e invasões de casas. Longe das drogas há um ano e meio, Vusi vive hoje num barraco e treina times de futebol de crianças. A viagem ao Rio é um marco de sua nova vida, que espera que seja cada vez mais próspera. Como cada jogador só pode disputar o torneio uma vez. Em 2011, quando a Copa do Mundo dos Sem-Teto for disputada sob a Torre Eiffel, em Paris, o sul-africano deseja estar na comissão técnica.

— Sonho cada vez mais passar a minha experiência para as crianças. Já faço isso em escolas. Não escondo o que fiz, mas mostro para as crianças que a vida das drogas não é boa — contou Vusi.

Com a experiência de quem viveu a preparação para a Copa do Mundo em seu país, Visu acredita que essa é a oportunidade de trazer todo um país em torno de um causa. Ele lembrou que muitas pessoas que viam a África do Sul como um local perigoso puderam acompanhar o país alegre, celebrando a Copa. Para Mel Young, fundador da competição de Sem-Teto, que chegou em 2010 à sua oitava edição, o Brasil não pode usar a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 para tirar os moradores de rua de circulação durante a realização do evento.

— Todos falam muito de construções, mas o verdadeiro legado são as pessoas. O Brasil não pode esconder seus problemas. Dessa forma, eles continuam existindo e não são resolvidos. Todo mundo sabe que o Brasil é isso, o Brasil é futebol. Não há nada melhor do que utilizar essa paixão para ajudar a resolver problemas — avaliou Young, que lembra que todos países lidam com cidadãos sem moradia. ■